



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA
RITA

O SECULO

O NOVO HÓSPEDE

Por VIRGINA LOPES DE MENDONÇA
Desenhos de ADOLFO CASTAÑE

— **N**ÃO! Não! Hoje não podes vir, Fosquinhas!
— gritou a Clarinha, numa voz assustada.
E o Joanico enxotou o cão, entrando em casa, atrás da irmã, e fechando-lhe, no focinho, a porta que dava para a cozinha.

— Ora esta! Ora esta! O que queria aquilo dizer? — pensava consigo o Fosquinhas, nuns gemidos lamentosos, muito vexado com o procedimento dos pequenos. Então não é costume eu entrar com vocês a esta hora? Porque não o hei-de fazer hoje? Não é um dia igual aos outros? — Não era, não senhor.

Qualquer cousa de anormal sucedia.

A Clarinha levava escondido no avental, um objecto desconhecido.

Joanico não lhe fizera as festas habituais e até o empurrara para trás.

Ao passar por ele, ainda haviam dito.

— E' preciso tomarmos cuidado! O Fosquinhas, pelo sim pelo não, fica hoje no jardim. Sa-be-se lá o que pode acontecer! —



— O que pode acontecer! — Gania, furioso, o canito.

Se continuam sem me deixar vêr o que é esse barulho esquisito que pela primeira vez ouço cá em casa, não tenho mão em mim; faço alguma asneira!

Na verdade, vinha da cozinha qualquer rumor estranho e o Fosquinhas não largava a porta, esgaratando e ganindo com quanta fôrça tinha!

Depois, ouviu a voz da Clarinha dizer:

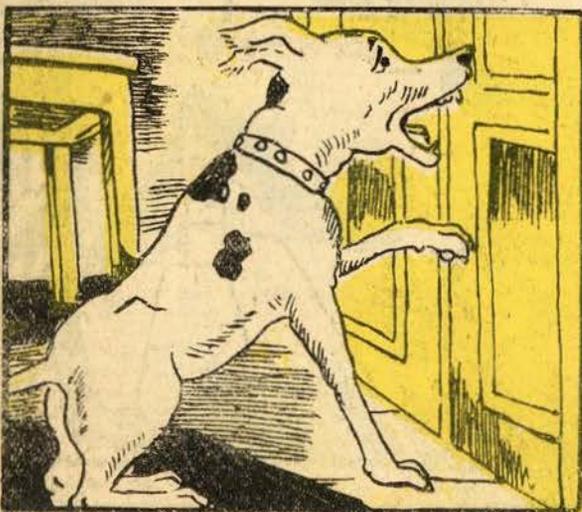
— Que lindo, que lindo ele é! O' Joanico chama a mãzinha para o vir vêr. —

— Ora esta! Ora esta! — Tornava o cão, nuns ganidos lamentosos, — E a mim porque não me deixam vêr? —

De repente, a porta abriu-se e a cozinheira saiu, resmungando, ao esbarrar no Fosquinhas:

— Credo! Que peste de cão! Sempre metido nos pés da gente! Arreda daqui! Gira lá para dentro!

— Esta, sim senhora, fala bem! E' um bocado bruta, mas compreende os nossos desejos! — E,





logo, o Fosquinhas, dando ao rabo, entrou, como um raio, por ali dentro.

la cheio de boas intenções! Esqueceria as ofensas, perdoaria o desprezo como fôra tratado!... Tencionava atirar-se, logo, á cara da Clarinha e lambê-la dum certo modo caricioso, de que ela tanto gostava!

Mas, á entrada da porta, estacou, assombrado.

—Béu! Béu! Béu!—ladrou, muito de rijo, para chamar a atenção.

No regaço da Clarinha o que tinha êle avistado? Seria ilusão sua? Parecia-lhe exactamente um gato, muito, muito pequenino!...

Nunca o Fosquinhas vira mesmo um gato tão pequeno na sua vida!

Tinha o focinho tal qual o do gato da casa do lado, aquele que tantas vêzes lhe roubara a comida do prato que ficava no jardim.

Até, uma vez, lhe chegara com a pata ao focinho, arranhando lhe o nariz.

Todo assanhado, o maldito saltara-lhe, furioso!...

Reco-
dações
amargas!...

—Béu!

Béu! Nesta casa não entram gatos!... — rosnou o Fosquinhas. — Eu estou de atalaia!

Aqui não entram êsses inimigos! Disse e repito! Béu! Béu! Béu! —

Esperava que êste veemente protesto caisse no ânimo daquela gente e lhe agradecessem o seu zêlo, mas qual!...

Pelo contrário!

A Clarinha voltou para êle e ralhou!

— Que cão insuportável! Fôra daqui, seu mau! —

Mas a mãe dos pequenos disse-lhe com mais brandura:

— Anda cá, Fosquinhas! Vem fazer conhecimento como teu novo amigo! —

— Béu! Béu! Béu! — tornou a rosnar o cão, cada vez mais mal dispôsto. — Se já se tinha visto um tal desafôro! — pensava consigo, indignado. — Era o que faltava! Ter por amigo semelhante bicho, e por isso o haviam já castigado e agora a Clarinha, em lugar de lhe pedir perdão da sua injustiça, nem para êle olhava! Toda ela eram mimos para o recémchegado! Se até lhe beijava o fochinho!...

O Fosquinhas não podia suportar tão doloroso espectáculo!

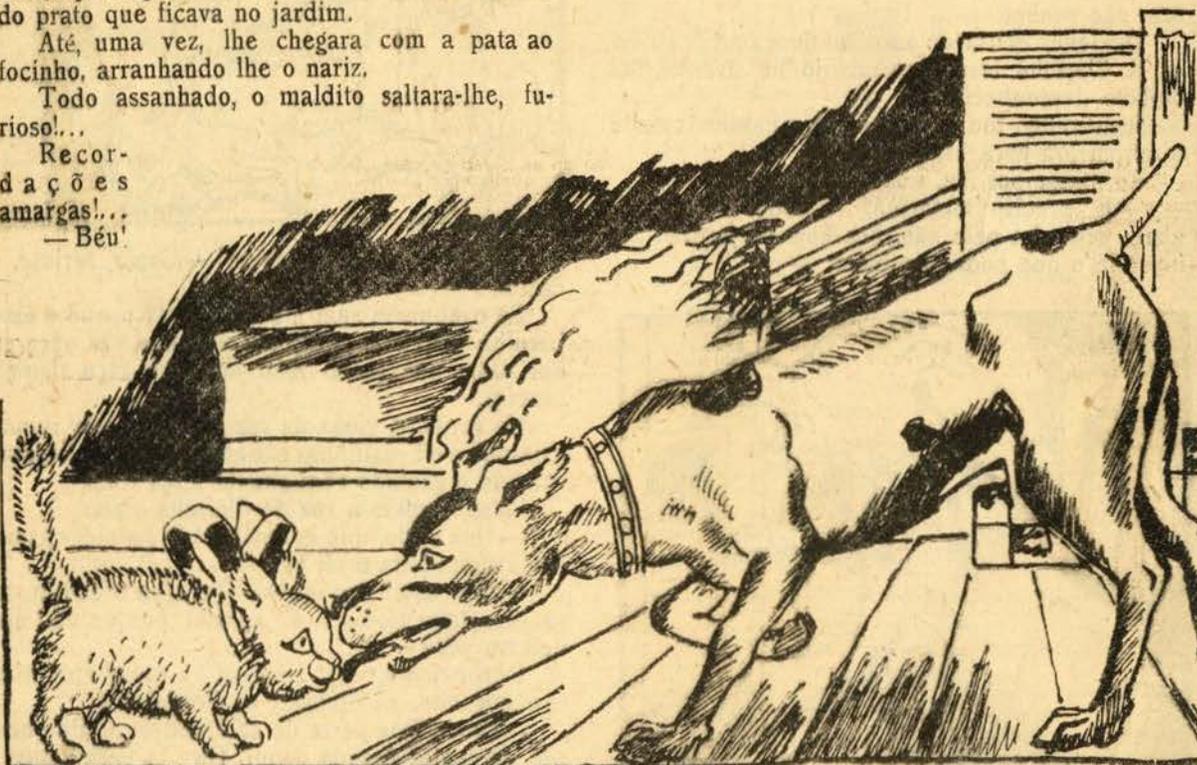
Nunca se sentira tão triste e rosnava, rosnava, queixando-se de ninguém lhe ligar importância nenhuma! Nunca se achara tão só, no mundo!

— Estou a vêr que até lhe deram os ossos do meu prato! Só nêle pensam, já não gostam de mim! — e, cheio de soluços, gania numa desolação.

Toda a tarde assim passou.

O Joanico, farto de o ouvir, levou-o para a sua casinha do jardim, e prendeu-o á corrente. Então os ganidos redobraram.

(Continua na pág. 6)



O FILHO DESOBEDEIENTE

POR ZE D'ALDEIA
DESENHOS DE CASTANÉ

CERTO menino chamado João, filho único dum comerciante da província, acabara de fazer o seu exame de admissão aos liceus.

Educado com todo o carinho, seus pais, que nada mais viam no mundo, estavam sempre prontos a satisfazer-lhe todos os seus caprichos.

Como seus pais quizessem dar-lhe uma posição elevada, pois lho permitiam os seus haveres, pensaram em o meter num bom colégio, onde, além do ensino de que precisava, lhe dariam a educação que um mimo exagerado não lhe permitira alcançar.

De facto, João era um traquinas incorrigível, andando sempre, nas horas vagas, numa brincadeira desenfreada com os rapazes da aldeia, sem procurar pegar num livro.

E nessa vida de brincadeira que

Inteligente por natureza, ele bem compreendia que seus pais, pelo muito amor que lhe consagravam, abdicavam da sua autoridade paterna para o não contrariar.

Era filho único...

grande crime. Põe de parte o teu coração de pai e cumpre o teu dever».

Então, o pai, obedecendo à voz da sua consciência, deu-lhe uma grande tarefa na presença dos professores do colégio, que o louvaram pela sua ener-



seus pais não tinham forças para contrariar, habituara-se a uma insubmissão que, pouco a pouco, lhe destruiu os mais elementares princípios de obediência a seus pais.

Chegou, porém, a hora de seu pai encarar a sério o futuro de seu filho, e, recalçando todo o amor que lhe votava, contra a vontade da própria mãe, lá o levou a um colégio, onde recomendou que lhe ministrassem o ensino e lhe dessem aquela educação que a sua fraqueza não pudera impôr-lhe.

Nos primeiros dias, quando ainda não havia aulas, o pequeno João escreveu à mãe, dizendo-lhe que não tivesse pena dele, porque no colégio se estava muito bem.

Mas quando as aulas começaram, quando ele começou a sentir todos os rigores da disciplina interna, um assomo de revolta se apoderou do seu espírito infantil. Julgou-se numa penitenciária, e, contra os conselhos prudentes dos seus condiscípulos, decidiu fugir.

Chegado a casa, como um criminoso que acaba de praticar uma má acção, procurou sua mãe, a quem tendenciosamente convenceu dos falsos horrores que o seu internato lhe impunha.

A mãe, fraca pelo grande amor que lhe tinha, deixou-se levar pelas lamúrias de João, estando resolvida a tirá-lo do colégio, para ter a alegria de o ver a seu lado.

Mas o pai, vendo nessa atitude um perigo para a educação de seu filho, consultou a sua consciência e esta gritou-lhe implacavelmente:

— «Tua mulher está cometendo um

gra de pai, que a todo o custo queria dar a seu filho uma educação, que o impuzesse à consideração da sociedade, fazendo o orgulho da sua velhice. João, vendo a súbita decisão de seu pai, jurou-lhe que nunca mais fugiria, o que cumpriu, e lhe valeu o prémio de vir todas as semanas passar o domingo com seus pais.

Acabado o curso dos liceus, cheio de vontade, matriculou-se numa escola superior, onde, sem perder um ano, tirou com distinção o curso de engenheiro mecânico.

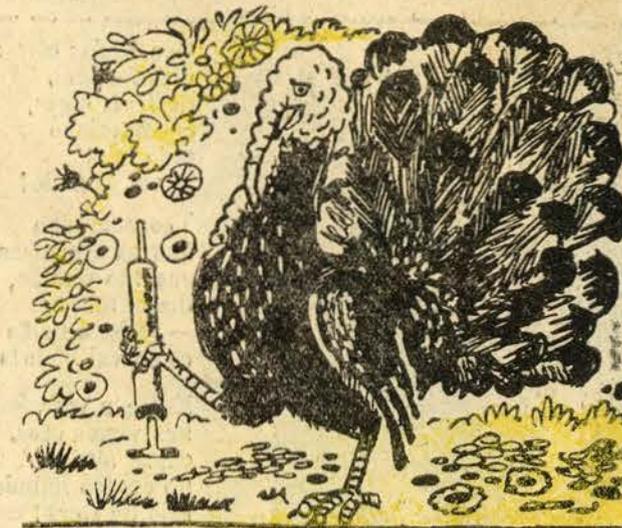
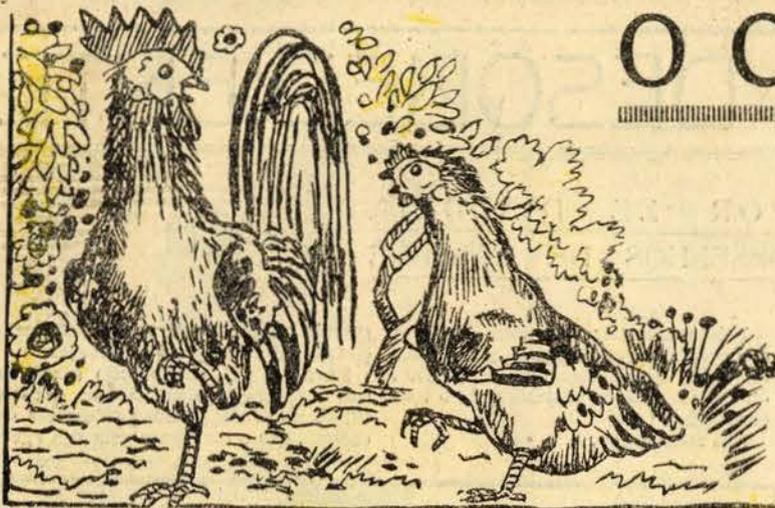
Sabedores do seu invulgar aproveitamento, os directores duma importante companhia de caminhos de ferro, ofereceram-lhe um bom lugar, onde ele deu provas duma inteligência tão perfeita que, a breve trecho, era elevado a engenheiro-chefe. Alguns anos depois ocupava, com a aprovação unânime de todos os acionistas, o alto cargo de director geral.

E quando vinha de visita a seus pais, estes reviam-se, com orgulho, no filho, e bendiziam a energia com que lhe impuzeram a obediência.

E João, hoje também chefe de família, não perde uma oportunidade para ir ao colégio, que ele a princípio julgava uma penitenciária, agradecer aos seus velhos professores, os rigores que geraram, na sua consciência em formação, o amor pelo estudo e o respeito pela vontade de seus pais.

O CAPRICHO DA GALINHA

Por LAURA CHAVES
Desenhos de A. CASTANÊ



E lá se foram os dois,
pelo prado desandaram,
até que, na várzea, os Bois
lhes perguntaram:
— Onde ides, Pata formosa
e D. Galo? O que há de novo?—

Responde este:—A minha esposa
não quis pôr ovo!—

Dizem os Bois: — Mas que horror!
Que desgraça, meu amigo!
Se vai chamar o doutor,
vamos consigo!—

Uma galinha pequena
que era boa poedeira,
perdeu, um dia, uma pena
na capoeira.

— Antes morrer empachada
ou na panela.

E pôs-se logo a gritar:
— Que caso horrível, medonho!
enquanto a não encontrar
nunca mais ponho. —

Perante tal teimosia,
o galo, numa aflição,
foi chamar, em correria,
o surgião.

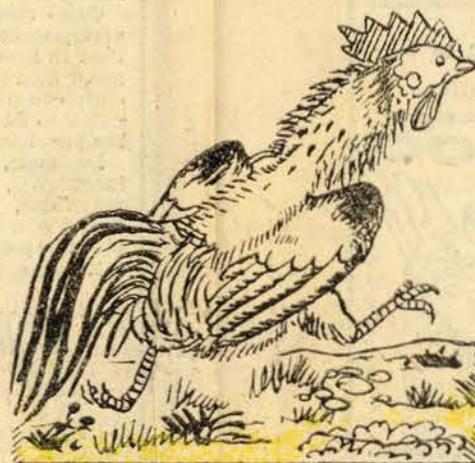
Ao ouvi-la, o galo disse:
— Nunca mais pôr... Ora, ora!
Perdoe, mas é tolice,
minha senhora. —

Encontrou, fora, a Patinha
e disse:— Vou ao doutor.
Calcule, amiga, a galinha
não quiere pôr!—

— Não ponho, não ponho nada!—
teimosa, volvia ela:

Responde a pata:— Hein, hein,
hein?

O que me diz, senhor Galo!
Nesse caso, vou também
acompanhá-lo. —



E os quatro foram seguindo
quando encontraram um Cão
que lhes perguntou, latindo:
— Onde é que vão?—

— Onde vão nesse galope,
ó senhor Galo?—

— Há esta fatalidade!—
piou o galo com dor:
— A minha cara metade
não quiere pôr!—

— E' que a nova não é boa,
o caso nem se descreve!
Não quis pôr, minha patroa,
declarou greve. —

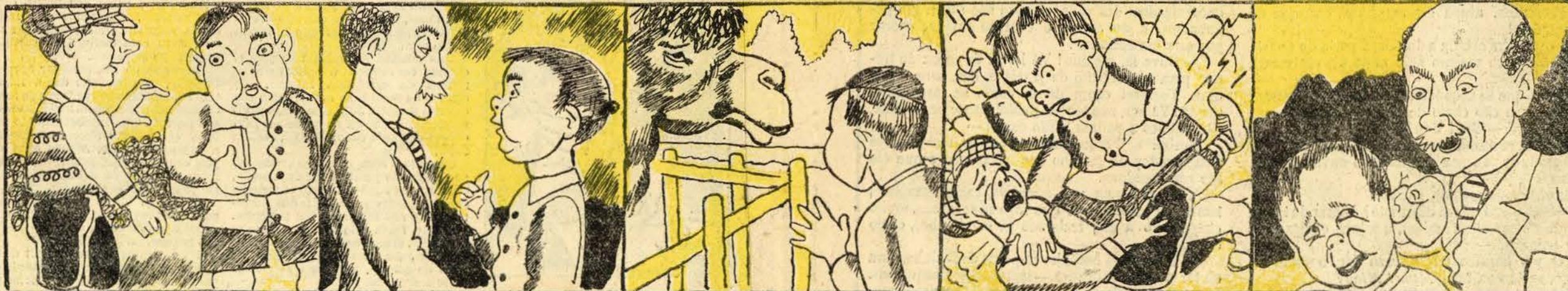
Vai, o Cão juntou-se ao bando,
achou graça ao entremês
e disse, a correr, ladrando:
— Vou com vocês. —

O Cavalo deu um couce
e propôs, a relinchar:
— Se eu, com vocês, também fôsse
ao alveitar? —

Iam eles, trop, trop,
perguntou-lhes um Cavalo:

(Continua na pag. 8)

UMA DESFORRA TARDIA



O pequeno Zé Maria
ao seu amiguinho Mário,
vendo que este o contraria,
muito furo, diz-lhe um dia:
— «Não passas dum dromedário.»

Mário que não conhecia
a fundo o Vocabulário,
ante o insulto sorria,
sem encontrar, no que ouvia,
nada de extraordinário.

Com seu pai, num dia belo,
ei-lo, no jardim Zoológico,
em presença dum camelo,
a perguntar, como é lógico,
que nome tem. Ao sabê-lo,

e mal regressa, vai ter
com o seu velho amiguinho
e começa-lhe a bater...
No meio do borbórinho,
depois de o reprender,

diz-lhe o pai, autoritário:
— «Que mal é que éle te fez?!»
E responde, então, o Mário:
— «E' que éle, há cojsa de um mês,
me alcunhou de Dromedário.

— «E só lhe bates agora,
só hoje lhe vais ao pêlo?»
Torna o Mário sem demora:
— «Apenas soube há uma hora
que dromedário é Camelo!»

O balão

FELIZ COSTA VENTURA



Olha o balão
que vai subindo!...

Olha o balão
como vai lindo!

Que lindas cores:
verde e azul,
de furta cores,
o balãozinho
todo taful
lá vai subindo!

Tão bonitinho
que as avezinhas,
que vão voando,
dizem alegres:
—«olha o balão
como vai lindo!»

E ele, a voar,
nos vastos céus,
vai-se abrigar
no espaço infindo,
seio de Deus!

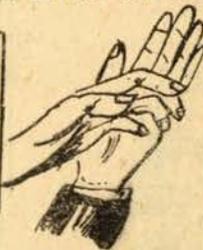
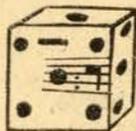
A DIVINHA



Meus meninos: Vejam se descobrem o dono deste burro.

F I M

ENIGMA PITORESCO



Guilherme Silva

-Pombal-

Sai furos

O NOVO HOSPEDE

(Continuação da página 2)

Nunca se vira cão tão infeliz!...

Assim o deitavam ao desprezo!

Pela noite adiante, quando já a porta da casa estava fechada, ainda ele suspirava, entregue ao seu desgosto!

Se o gatinho estaria a dormir, á porta do quarto da Clarinha, no mesmo sítio onde ele costumava estar!

Parece que se esqueceram de tódo que tiveram um cão e um cão cheio de mimos, como eu era!

E tornava: — Béu! Béu! Béu!

Mas, de repente, parou as suas lamúrias.

Distraiu-se do seu desgosto, ao ouvir um som estranho.

Arrebitou as orelhas, curioso.

— Que diabo quiere dizer isto? Apesar de terem deixado de ser meus amigos, a minha obrigação é olhar pela casa. —

Era um barulho muito fraco que, apurando o ouvido, se tornou num *Miau! Miau!*

Saía da janela ali pegada, que dava para a cozinha e que ficara entreaberta.

— O que é? — rosnou Fosquinhas.

— Sou eu! miou a vizinha fraca e triste.

— Perdi a minha mãisinha. Deram-me aqui uma cama, mas eu não gosto dela! Estou sózinho, tenho medo!... Perdi a minha mãisinha! —

O Fosquinhas não esperou um segundo para tomar uma resolução!

Apesar de, mais tarde, os gatos serem inimigos encarniçados dos cães, quando são assim tão pequeninos, é de cortar o coração ouvi-los chorar por estarem sòzinhos!

— Ouve lá, menino! Vê lá, se és capaz de trepar para o parapeito da janela e, daí, para o jardim. Tomarei conta de ti, como se fôsse a tua mamã! Vamos, não tenhas medo! Mas toma cuidado, não entales a patinha! Não caias! —

Assim, o Fosquinhas seguia os movimentos atrapalhados do gatinho que ia fazendo o que ele lhe recomendava.

Tal qual uma mãe adoptiva, carinhosamente, lambeu o menino gato que logo se enroscou, muito chegadoinho a ele, fechando já os olhinhos, cheio de sono

— Dá-me um beijinho na ponta do focinho, para eu ter sônhos cor de rosa. — segredou ao Fosquinhas.

— Com todo o gosto, meu amiguinho! — respondeu o cão, passando a língua macia no focinho do gato.

E, daí por diante, nunca mais, nem um nem outro, se sentiram sós!

F I M

QUAL A GOUSA, QUAL E' ELA?... PARA OS MENINOS COLORIREM

I

Sou uma fruta bem boa,
Sou laçada garantida
e sou terceira pessoa
verbosa e bem conhecida.

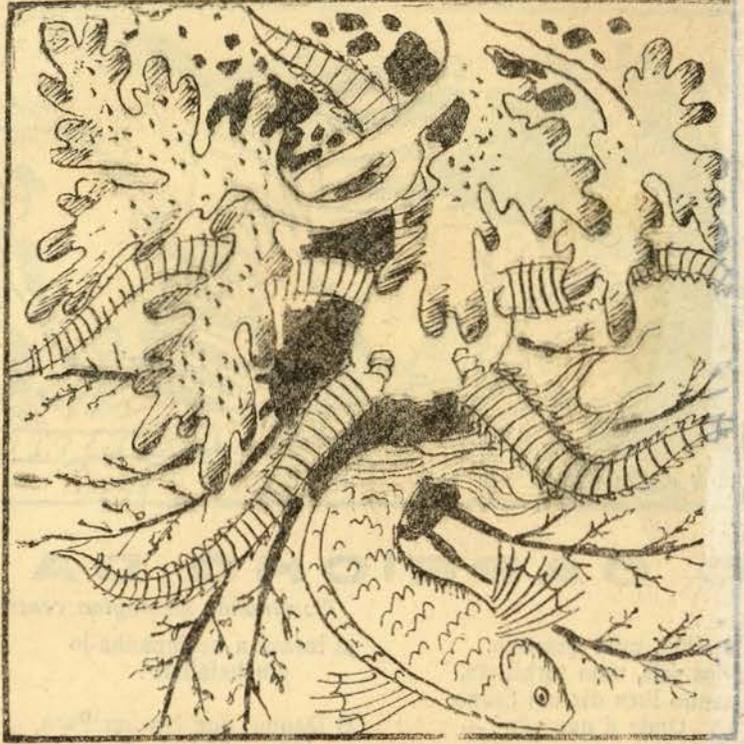
II

Um grande mercado sou,
de alegria muito ufana,
e no calendário estou
cinco vezes por semana.

Decifração das anteriores:—
I, Banana — II, Vale.

Solução das charadas em frase:— I, Cantaria — II, Termómetro — III, Lagartinha — IV, Sobrado.

Solução das charadas combinadas:— I, Moradia — II, Provérbio — III, Canário.



Colaboração infantil



PINGUINS — por João Rodrigues de Sá — ilustração de Miguel

CHARADAS COMBINADAS

Sílabas

(1)—Parte do título dum suplemento infantil

(1)—Poeira

(2)—Cidade francesa.

Conceito:—Fanfarronada

(1)—Mulher acusada

(2)—Pecado mortal

(2)—Queixo

Conceito:—Conjunto de regras

(1)—Batráquio

(1)—Matéria corante

Conceito:—Ódio

(1)—Apelido

(2)—Grupo ou turma

Conceito:—Planeta

(2)—Leito

(2)—Animal feroz

Conceito:—Lagarto africano

(2)—Acto de deitar água

(2)—Fressura de animais

Conceito:—Folguedo

(1)—Templo de Lisboa

(2)—Intelecto

Conceito:—Grão de cereal

(2)—Grupo de montes

(2)—Conservação.

Conceito:—Farelo de madeira

Em frase

Em cima d'êste móvel está êste aco-
pipe—2-2.

A moradia d'êste animal é um bom
agasalho—2-1.

Esta mulher dança com um rapaz
opulento em grande folguedo—2-3.

Este fruto pretérito lembra uma so-
bremesa algarvia—2-3.

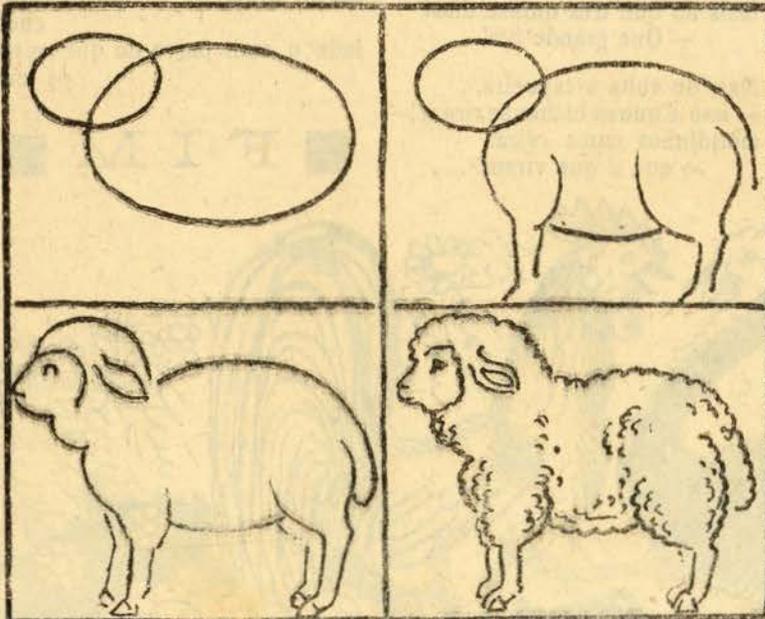
A fôlha ao vento produz um som
igual ao dum correctivo—2-3.

Isolado e sem vista, êste quarto serve
para repouso—1-2.

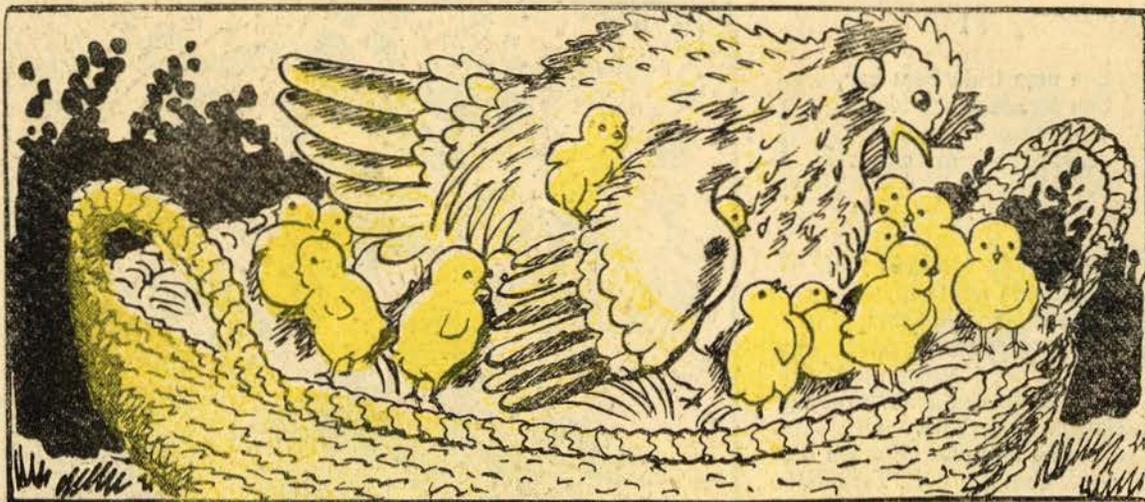
O filho do animal faz compaixão ao
meu servo—2-1.

Esta nota de música, em pleno oceano,
ressoa; di-lo um escritor francês—1-1-2

LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha uma ovelhinha



O CAPRICHISMO DA GALINHA

Continuado da pagina central

Corriam, num desatino,
 todos seis, num turbilhão,
 quando lhes diz um Suino:
 Onde é que vão?—

— Vamos, na ponta da unha,
 porque do galo, a mulher
 jurou que nunca mais punha
 porque não quere. —

— Isso é tremenda arrelia
 e, sem perda dos meus untos,
 vou na vossa companhia:
 pois vamos juntos. —

Foi assim, que a pouco e pouco,
 muitos bichos se agregaram.
 Atrás desse galo louco
 todos marcharam.

E quando chegou o galo
 a casa do *surgião*,

já levava a acompanhá-lo
 um batalhão!

O Doutor, que era um Peru,
 ouvindo a história da ave,
 comentou em seu glu-glu:
 — E' caso grave!

Corro a tratar a galinha
 porque a mim não me respinga!
 Vou-lhe dar uma mizinha.
 Levo a seringa, —

Ora, nessas correrias,
 gastou a bicheza, aflita,
 mais do que três quinze dias!
 — Que grande fita!—

Mas, de volta à capoeira,
 — isso é que os bichos se riram!—
 metidinhos numa ceira,
 o que é que viram?...

Uma ninhada, branquinha,
 de pintos, que era um amor!
 Todos filhos da galinha
 que não quis pôr!

O Peru, muito entufado,
 abrindo o leque, bufou.
 E ao ver-se ludibriado,
 fulo, piou:

— Nunca esquecei o que vos digo,
 — ó bichos!—
 porque é grande a verdade que
 contém;
 quem assim dá ouvidos a capri-
 chos,
 inda é mais parvo do que quem
 os tem.

■ F I M ■

